

CONVERSANDO SOBRE VIVÊNCIAS TRANS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Natália Pierdoná – Médica de Família e Comunidade; mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Paulo Henrique Mai – Médico de Família e Comunidade; mestrando no Programa Interdisciplinar em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)

Dulce Zara Gentil do Nascimento – Psicóloga; mestre em Psicologia.

Introdução

A população trans encontra dificuldade de acesso aos serviços de saúde, principalmente no que tange ao acolhimento, em decorrência de preconceito sofrido¹. Essa restrição de acesso repercute em abandono dos tratamentos em andamento e resistência na busca por cuidados em saúde quando necessários. Souza *et al* (2015) destacam situações de violência sofridas pelas pessoas trans por meio de ‘chacota’, humilhação, discriminação, entre outras situações que levam essas pessoas a evitar de adentrar os equipamentos e serviços de saúde².

A Terapia Comunitária Integrativa é um modelo de grupo onde busca-se partilhar experiências de vida e sabedorias de forma horizontal e circular, na qual são discutidas questões (mote) trazidas pelos participantes, mobilizando recursos e competências das pessoas por meio da ação terapêutica do próprio grupo, além de estimular a formação de uma rede social solidária para enfrentar os problemas do cotidiano³.

A metodologia da Terapia Comunitária Integrativa promove encontros interpessoais e intercomunitários, com o objetivo de resgatar a identidade cultural dos indivíduos e suas comunidades, ampliando a percepção dos problemas e possibilitando sua resolução através de competências locais⁴.

Objetivo

Relatar o uso da Terapia Comunitária Integrativa como estratégia para promover um espaço de escuta e acolhimento para pessoas trans.

Descrição da experiência

Foi realizada uma roda grupo de Terapia Comunitária Integrativa em abril de 2022, com a participação espontânea de pessoas que se identificavam como trans, de forma gratuita, em um espaço de saúde suplementar de atenção primária na cidade de Maringá-PR. O grupo foi conduzido por três terapeutas, sendo um médico e uma médica de família e uma psicóloga. Contou com a participação de oito pessoas que se identificavam como pessoa trans masculino (n=3), trans feminina (n=1), não binária (n=2) e pessoa cis (n=2). Adequaram-se medidas sanitárias para reduzir o risco de covid-19.

Resultados

Os principais temas propostos na roda foram o de abandono/discriminação tanto pelo poder público, como auto-rejeição. E o mote escolhido na roda foi “dificuldade de se entender”. As estratégias de enfrentamento do tema escolhida pelos participantes foram: fortalecimento/empoderamento pessoal: capacidade de apropriar-se do seu “poder de agir” e buscar redes solidárias (amigos, associações, grupos online). Na fase de encerramento da roda, um depoimento marcante foi o de uma pessoa que disse estar feliz por ter encontrado esse espaço de escuta e pela possibilidade de falar abertamente.

Conclusões

As rodas de Terapia Comunitária Integrativa podem ser um espaço para que pessoas trans expressem seus sentimentos, compartilhem vivências e sintam-se acolhidas nos serviços de saúde.

Referências

1. SOUZA, Pablo C. et al. Acesso à Saúde pela População Trans no Brasil: nas entrelinhas da revisão integrativa. Trabalho, Educação e Saúde [online]. 2020, v. 18, n. 1.
2. SOUZA, Martha H. T. et al. Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. Cadernos de Saúde Pública, v. 31, n.4, p. 767-776, 2015.
3. Guimarães, Maria Beatriz et al. As práticas integrativas e complementares no campo da saúde: para uma descolonização dos saberes e práticas. Saúde e Sociedade [online]. 2020, v. 29, n. 1.
4. BARRETO, Adalberto de P. Terapia comunitária: passo a passo. 3 ed. Fortaleza: LCR; 2008.